

A doença infantil do neo-estatismo

ABRAM SZAJMAN

Está na moda, em certos círculos empresariais, combater a "onda neoliberal", que, segundo articulistas diversos, enfrenta hoje um "refluxo", causado pela "derrocada"



de governantes, os patronos de experiências malsucedidas. Os exemplos alinhados são no máximo quatro e sempre os mesmos: Thatcher e Bush, na Inglaterra e nos Estados Unidos, respectivamente; Yeltsin, que estaria levando a fome à Rússia e — claro — Fernando Collor que, com seu suposto "neoliberalismo", jogou o Brasil na maior recessão de sua história, sem controlar a inflação.

Para defender o que pode ser chamado, sem aspas, de neostatismo, esses críticos chegam a invocar a Alemanha e o Japão, que teriam feito do "Estado nacional" a mola propulsora de seu progresso. E, confundindo — deliberadamente, pois são pessoas inteligentes e até brilhantes — alhos com bugalhos, partem desses exemplos para defender o intervencionismo, o mercado fechado, os subsídios fartos e indiscriminados. Ou seja, querem a volta às condições privilegiadas e superprotegidas — o guarda-chuva estatal, diga-se sem rodeios — nas quais nasceu e cresceu o nosso, hoje combalido, "parque produtivo". É de fazer chorar, porque, infelizmente, não se pode rir, quando o que está em jogo é o futuro do País.

Antes de abordarmos o affaire Collor e seu neoliberalismo é preciso dar uma retocada

nas tintas impressionistas com que certos exemplos externos foram pintados, para que as "barbas" do profeta Maomé, imberbe, não se pareçam com aquelas do "profeta" efetivamente barbado do Caribe.

Em primeiro lugar, Alemanha e Japão. Países derrotados e militarmente ocupados nem sequer tinham um Estado independente, no imediato pós-guerra, que pudesse induzir qualquer progresso, o que foi feito, na verdade, mediante maciças inversões de capital norte-americano. Em seguida, com o Estado reconstruído, os governos destes países carregaram os investimentos públicos principalmente para incentivar a pesquisa tecnológica com fins civis e pacíficos, pela simples razão, caso não houvesse outras, de que lhes era vedada, por força dos tratados de armistício, a via do rearmamento. Mantidos, de certa forma, à margem da guerra fria, Alemanha e Japão cresceram pela senda do comércio internacional, fazendo mais e melhor o que outros não faziam, mas tendo sempre como base uma iniciativa privada livre de amarras estatais.

Situação oposta viveram Estados Unidos e outros países europeus, estes administrando a pesada herança do sistema colonial que lhes ruíu sobre a cabeça e aqueles assumindo o papel de baluartes do Ocidente contra o expansionismo soviético. Para encurtar a história, os norte-americanos ganharam a guerra fria antes do previsto e hoje enfrentam o dilema de como reverter o complexo industrial militar, fulcro de seu déficit público, e reorientar investimentos para fins civis e sociais. A diferença entre Bush e Clinton está mais por conta das ogivas nucleares,

felizmente a caminho do desmonte, do que em razão de concepções de política econômica, como atesta o perfil da equipe escolhida pelo presidente eleito.

Se hoje há norte-americanos — como também russos — às portas da fome e da miséria, isso é culpa da loucura da corrida armamentista que, diga-se por alto, também foi paga por nós do Terceiro Mundo com recursos drenados pela dívida externa. As bombas mataram, e ainda matam, muita gente mesmo sem explodir, mas nem o mercado nem o liberalismo nada têm a ver com isso, até porque bomba atômica ou de hidrogênio não são artigos de consumo.

Descendo da estratosfera onde às vezes se é obrigado a subir para pôr os pingos nos is, chegamos ao governo Collor. A campanha eleitoral de 89 evidenciou na fala de todos os candidatos, também na de Lula, orientada pelo competente Aluisio Mercadante, que a sociedade brasileira não suportava mais o Estado onipresente legado pelo regime militar.

Collor, ou qualquer outro presidente que assumisse, não poderia deixar de levar isso em conta. Só que, também na economia, a exemplo do combate à corrupção e aos marajás, seu discurso foi uma coisa, sua prática outra. Se a prática de Collor foi neoliberal poderíamos dizer, no mínimo, que Stalin era congregado mariano. Porque o primeiro efetuou a mais brutal intervenção, com o confisco dos cruzados, de que se tem notícia em qualquer economia capitalista, enquanto o segundo desfechou a coletivização forçada da agricultura, à custa de milhões de vidas.

Não se deve culpar nem os profetas nem seus ensinamentos pelo uso que deles fazem os fariseus.

Resumindo, colocamos algumas questões práticas a título de contribuição no debate que hoje travam políticos, empresários e trabalhadores sobre os rumos da economia no governo Itamar Franco. Se o governo pagou, só no primeiro semestre de 92, quantia equivalente a 5,4% do PIB, que foi engordar o setor financeiro, é preciso que o próprio governo controle seus gastos, parando de pedir dinheiro emprestado a taxas incontestavelmente altas.

Os subsídios pedidos pelos neo-estatistas, com se vê, só agravarão a situação que eles mesmo condenam. Se o Estado tem de ter um banco de fomento como o BNDES — e deve, mas sem os penduricalhos de empresas estatais hoje nele grudados —, não precisa, evidentemente, de BB, CEF, mais bancos estaduais, que, atuando como conglomerados públicos, incentivam os conglomerados privados como em nenhuma outra parte do mundo, ao contrário de promover a pulverização do capital financeiro, como seria desejável. E, finalmente, se queremos nos igualar pelo menos à Argentina, que acaba de registrar sua menor taxa de inflação em duas décadas, além de expressivo crescimento de seu PIB, é preciso privatizar, abrir, desregulamentar e competir.

Parafraseando Lenin, ao criticar em seu *Esquerdismo*, doença infantil do comunismo as tentativas de se encurtar os caminhos da história, é possível reconhecer no neo-estatismo a doença infantil de um capitalismo que não quer aprender, dispensando a muleta do Estado, a marchar e a seguir caminhos com as próprias pernas.

■ Abram Szajman é presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.